

O ENSINO DA GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS GEOGRÁFICOS

META

Fornecer orientação teórico-metodológica para a construção dos conceitos científicos geográficos para o ensino básico.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Associar a teoria e a prática no contexto da ação pedagógica;

Compreender a importância da construção dos conceitos científicos geográficos para o ensino básico a partir do espaço vivido;

Refletir sobre os procedimentos metodológicos a serem utilizados para o desenvolvimento dos conceitos científicos geográficos no ensino básico a partir do espaço vivido.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas anteriores

INTRODUÇÃO

Caros(as) alunos(as),

O ensino contemporâneo da Geografia tem sido alvo de diversas discussões, todavia vem se construindo a partir de conceitos-chave. Para esta aula iremos discutir algumas dessas categorias de análise geográfica, a saber: espaço geográfico, lugar, paisagem, território, região e rede geográfica.

Para a construção desses conceitos geográficos o professor deve partir do concreto para o abstrato. A utilização dos saberes geográficos no cotidiano do aluno contribui para alavancar os resultados da prática docente no estudo dessas categorias.

No decorrer da discussão apontaremos sugestões de como desenvolver tais conceitos no ensino básico, partindo da análise dos mesmos como instrumentos de ação pedagógica, possibilitando uma conexão entre a teoria e a prática para sua construção, de forma que facilite a relação de ensino/aprendizagem.

PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM E A IMPORTÂNCIA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

O processo ensino/aprendizagem é complexo, ocorrendo em diversas fases do desenvolvimento do aluno. Neste contexto, pode destacar dois importantes princípios que norteiam a relação ensino/aprendizagem na Geografia: o conhecimento do professor da disciplina, sobretudo, aos seus conceitos fundamentais; e o conhecimento do aluno, relacionado ao desenvolvimento do seu raciocínio e ao seu ambiente social, ou seja, a partir do espaço vivido, seu cotidiano.

Desse modo, o trabalho docente é práxis, fundamentando-se de teoria e prática para realizar a transformação social conjugada à ação humana, sobre a realidade vivida que ocorre através da reciprocidade entre teoria e prática (PIMENTA, 2001).

A Geografia se ocupa dos estudos da transformação do espaço, das relações dialéticas e das mudanças que ocorrem no contexto mundial. Desse modo, refletir sobre o ensino de Geografia na atualidade implica pensar num processo amplo e complexo, sobretudo pelas rápidas transformações que ocorrem na política, na economia e nas ciências. Assim, cabe ao professor de Geografia acompanhar e evidenciar tais transformações.

Isso não quer dizer que o professor deva resumir-se a um competente veiculador de conhecimentos e acontecimentos atuais, mas necessita ser um profissional preocupado com as conseqüências dos conhecimentos, com a formação política do aluno, assim como sua capacidade crítica (GUIMARÃES, 2000).

Neste contexto, é importante propiciar ao educando uma análise do espaço geográfico, através da construção das categorias geográficas permitindo uma

aproximação com sua realidade, bem como sua compreensão e diferentes formas de intervenção do espaço vivido. Pois, a partir do momento que o aluno visualiza sua inserção no contexto local conseguirá compreender o contexto regional, nacional e global. Assim, a utilização dos saberes geográficos no cotidiano dos alunos contribuirá para alavancar os resultados da prática docente.

O que não implica que os educadores devam trabalhar de forma hierárquica do local ao mundial. É interessante que na apresentação dos conteúdos curriculares, a paisagem local e o espaço vivido sejam abordados de tal forma que possibilite que a criança estabeleça as primeiras relações espaciais com o mundo e vice-versa, desvinculando a idéia de visão segmentada do espaço escalar (BRASIL, 1998).

Conforme Callai (2001) vários autores destacam que o conteúdo da Geografia é o mundo, o espaço e sua dinâmica, onde as mudanças ocorrem com velocidade. Assim, é necessário oferecer condições de pensar e agir para aos alunos, buscando elementos que permitam compreender e explicar as transformações.

O ensino da Geografia possibilita aos educandos a compreensão de sua posição nas relações da sociedade com a natureza; bem como suas ações, individuais ou coletivas, emitem conseqüências tanto para si como para a sociedade. Ainda, permite que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações estabelecidas na construção do espaço geográfico onde se encontram inseridos enquanto sujeitos, tanto no contexto local como mundial (BRASIL, 1998).

Por outro lado, a integração entre a teoria e a prática está entre os principais desafios da Geografia, sobretudo numa perspectiva de formar cidadãos conscientes e críticos de seu papel na construção do espaço geográfico.

Para a construção do raciocínio geográfico e o desenvolvimento da consciência crítica Rua et al.(1993) destaca a importância da construção de conceitos geográficos como pré-requisitos para a compreensão dos elementos inclusos na organização do espaço, fundamentais para a formação de um raciocínio geográfico articulado, cumulativo e crítico; e a valorização do espaço vivido pelo aluno, tanto para a identificação de elementos necessários à construção de tais conceitos, quanto como base para análise crítica da organização espacial.

A construção do saber geográfico no ensino fundamental, neste caso 6º ao 9º Ano, e Médio, é baseada em conceitos-chave. Assim, analisaremos alguns desses conceitos, também conhecidos como categorias de análise geográfica, e apontaremos simultaneamente possibilidades de temáticas e/ou atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula de forma que o aluno compreenda a relação sociedade-natureza. Entre os conceitos destacamos: espaço geográfico, lugar, paisagem, território, região e redes geográficas.

ESPAÇO GEOGRÁFICO

É o conceito balizador da Geografia, produto da ação do homem sobre a natureza, conforme a sua evolução histórica-tecnológica e cultural. Para

Corrêa (1982) é o mais abrangente, apresentando-se como “um todo” do qual derivam os demais conceitos e com o qual se relacionam.

Milton Santos (1996:51) parte da compreensão de espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Nas análises de Cavalcanti (2006), a relação dos alunos com o espaço e sua abrangência e profundidade, requer instrumentos conceituais básicos que possibilitem uma leitura de mundo, de espaço. Neste contexto, pode-se tomar como objeto de estudo geográfico na escola, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento que requer uma análise interdependente e abrangente de elementos da sociedade e natureza e suas múltiplas relações, bem como nas diversas escalas.

O professor de Geografia tem a responsabilidade de propiciar ao aluno diversas possibilidades interpretativas do espaço geográfico, para que o educando possa interagir criticamente, compreendendo e relacionando as especialidades da Geografia, sobretudo a partir das relações estabelecidas entre a sociedade e natureza, enfatizando relações a partir de temas como urbanização, dinâmica populacional, aspectos econômicos, globalização, geopolítica, aspectos naturais: relevo, hidrografia, clima, vegetação e ecossistemas, entre outros. Neste contexto, a representação dos diferentes lugares, deve ser realçada mediante a utilização de mapas, maquetes e plantas, com a legenda e a escala definida, e com apoio das novas tecnologias.

A partir do conceito de espaço geográfico, pode-se trabalhar com as demais categorias, consideradas por alguns autores como mais operacionais, como: paisagem, território, lugar, rede, entre outros, onde cada conceito expressa uma possibilidade de leitura do espaço geográfico delineando um caminho metodológico (SUERTEGARAY, 2001).

Sugestão para sala de aula: por ser a categoria central da Geografia existem inúmeras possibilidades de trabalhar com o espaço geográfico, partindo da escala local para a global com suas interações, a depender da capacidade cognitiva do seu aluno, de forma que o mesmo consiga estabelecer a compreensão da sociedade-natureza, tais como:

- a) Espaço público e privado, desde uma praça a uma multinacional;
- b) Análise das transformações ocorridas no espaço urbano e rural a partir de imagens, vídeos;
- c) Espaço natural e espaço modificado pelo homem;

SUGESTÃO PARA SALA DE AULA

Essas atividades podem ser desenvolvidas mediante a utilização de vários recursos didáticos, tais como: fotografias, cartão postal, figuras, imagens de satélite e fotografias aéreas de forma que os alunos reconheçam como elementos fundamentais para a análise de organização do espaço geográfico.

- d) Elaboração de maquetes da organização do espaço geográfico; e,
- e) Montagem de painéis das diferentes formas de ocupação do espaço local, regional, nacional e global.

LUGAR

O conceito de lugar está relacionado à realidade de escala local ou regional, podendo ser entendido, conforme Carlos (1996:20), como a parte do espaço geográfico, efetivamente apropriado para a vida, onde se desembocam as atividades cotidianas, “a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”.

No passado a relação era local-local e na contemporaneidade é local-global, neste sentido, ao mesmo tempo em que é global, as relações se concretizam nos lugares específicos. Para Santos (1996) cada lugar é, à sua maneira, o mundo, e que a história concreta do nosso tempo, repõe a questão do lugar numa posição central. Assim, estudar e compreender o **lugar** em Geografia, significa compreender as relações que ali ocorrem inter-relacionado-as.

Dessa maneira, surge a importância de trabalhar a partir do espaço vivido, para que possa entender as relações entre o regional, o nacional e o global. Para Callai (2000) é imprescindível ler o lugar, para compreender o mundo em que vivemos. Pode-se partir de temáticas, de problemas e, a partir daí, aguçar a curiosidade dos alunos. Essas problemáticas podem ser formuladas a partir da realidade do que ocorre e do que existe no mundo, considerando as dimensões de espaço e de tempo.

Ao construir os conceitos de espaço e de tempo, analisando sua história de vida, vinculada com a história do lugar, o aluno levanta questionamentos, tais como: Como as paisagens foram criadas? Como era o lugar antes da ocupação? Por quem e de que forma o lugar foi ocupado? Como ocorreu o processo de ocupação? Que atividades foram desenvolvidas no local? Dessa forma, o aluno começa a relacionar os conhecimentos adquiridos na escola, relacionando-os com seus saberes.

Por esse viés é fundamental contemplar os saberes que o aluno possui, mas é necessário associar esse conhecimento numa relação local/regional/nacional/global. Dessa forma, ao observar o lugar específico (concreto) e confrontá-lo com outros lugares, dá-se início ao processo de abstração, entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido.

Os PCNs de Geografia abordam que o lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Outrossim, é por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 1998). O que reforça que as categorias de análise geográfica não devem ser trabalhadas isoladamente.

Lugar

Repleto de relações históricas, de vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, as paisagens e tornam-se significativas ao estudo, num tempo e num espaço específico.

Com o intuito de facilitar a relação ensino e aprendizagem focaremos algumas sugestões de recursos didáticos e/ou atividades que podem ser desenvolvidas no decorrer das aulas. Entretanto, a partir dessas sugestões vocês devem refletir sobre outras possibilidades de recursos didáticos a serem usados, assim como os procedimentos metodológicos a serem utilizados para a concretização da atividade.

Sugestão para sala de aula: trabalhar com músicas, como por exemplo: Asa Branca de Luiz Gonzaga, ou Sampa de Caetano Veloso para responder as seguintes perguntas:

- a) Que tipo de lugar é descrito na música?
- b) Quais as características físicas e humanas desse lugar?
- c) Quais as relações estabelecidas com outros lugares?
- d) Quais as relações com o contexto global?
- e) Que outras canções que os estudantes conhecem descrevem outros lugares?

Dentre os vários recursos didáticos que podem ser usados em sala de aula, os meios de comunicação, como a televisão e o computador conectado a internet, merecem destaque uma vez que esses recursos tecnológicos permitem que os alunos interajam ao vivo com diferentes lugares do mundo, facilitando desse modo, a compreensão da relação local/global.

PAISAGEM

Para muitos, a paisagem restringia-se à possibilidade visual, a tudo que nossa vista alcança. Para Troll (1950 apud SUERTEGARAY, 2001) é um conjunto das interações homem e meio, algo além do visível, resultado de um processo de articulação entre os elementos constituintes.

Bertrand (2009) definiu-a como resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que interagindo dialeticamente uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução.

Já Milton Santos (1996) conceitua paisagem como o conjunto de formas que exprimem heranças as quais representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza. O autor esclarece que a paisagem não é espaço geográfico, pois de acordo com sua conceituação:

A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parado como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade (SANTOS, 1994:72).

Conforme Suertegaray (2001) a paisagem é um conceito que permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais. Ao optarmos pela análise geográfica a partir dessa categoria podemos concebê-la enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização). Não necessariamente entendendo forma–funcionalidade como uma relação de causa e efeito, mas percebendo-a como um processo de constituição e reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social. Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural.

Callai (2000) ressalta que é a partir da leitura da paisagem que se permite analisar a história da população que ali vive, os recursos naturais existentes, assim como a forma como se utilizam desses recursos.

No ensino fundamental, é importante que partamos das paisagens visíveis e não de conceitos que cabe mais ao Ensino Médio, ou seja, os conceitos não devem anteceder aos conteúdos, pois é importante, propiciar condições para que os alunos construam os conceitos, e entendam a sua importância (KAERCHER, 1999).

Sugestão para sala de aula:

- a) O estudo pode iniciar mediante a observação da paisagem no espaço vivido, nas proximidades da escola;
- b) É importante orientar os alunos sobre a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem: através de imagens (figuras, fotografias e filmagens), músicas, literaturas, documentos de diferentes fontes de informação, de maneira que seja possível análise e interpretação das informações do espaço escolhido; e,
- c) Entre as temáticas podemos destacar as sugestões de Lisboa (2002), tais como: as grandes paisagens naturais do globo; a comparação entre paisagens de diferentes países enfatizando os aspectos sócio-econômico, culturais e ambientais; diferenciar paisagens urbanas, rurais e áreas industriais, assim como paisagens naturais e modificadas.

SUGESTÃO PARA SALA DE AULA

A partir daí o professor deve usar a sua criatividade e desenvolver diversas dinâmicas, tais como: elaboração de roteiros a partir da observação que o aluno faz da paisagem no trajeto de casa para a escola (indicado para alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental); montagem de painéis e murais; elaboração e apresentação de cartazes (7º e 8º Ano); elaboração de maquetes; entre outras. Evidentemente, essas dinâmicas tendem a tornar as aulas mais prazerosas, mas deve-se levar em conta a série a ser trabalhada.

TERRITÓRIO

O território é essencialmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder (SOUZA, 2003:78), no sentido de dominação e apropriação, de território usado destacado por Milton Santos (2001). Entretanto, é fundamental entender que espaço e território não são termos equivalentes nem tão pouco sinônimos. O espaço está em posição que antecede ao território, pois este é criado a partir do espaço (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Na acepção de Santos

“O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem é plenamente realizada a partir das manifestações da sua existência. [Nesse sentido] a Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, na nação, do lugar” (SANTOS, 2002:9).

Neste sentido, o território é definido nas relações de poder tecidas na existência de práticas sociais que fazem parte da vida dos alunos. A partir do espaço os atores sociais territorializam o espaço no momento que dele se apropriarem. Assim, a depender das diversas escalas, os atores produzem territórios a partir de estratégias de interesses que se chocam.

Sugestão para sala de aula: o professor pode partir de atividades com ênfase para:

- a) Trabalhar com os alunos na construção do conceito de território como campo de forças envolvendo relações de poder entre os diferentes grupos sociais;
- b) A demarcação do território na sala de aula, na escola, e/ou em lugares que os alunos percebem e concebem, a partir das relações de poder estabelecidas;
- c) Estudos das fronteiras do território brasileiro, o qual deve ser feito mediante a exploração de mapas temáticos;
- d) A sócio-diversidade do espaço brasileiro, sua localização no território e suas formas de manifestação e interação;
- e) Os processos históricos construídos em diferentes escala tempo-espacial a partir do território usado;
- f) Análise de como o Estado organiza o território nacional;
- g) Influência de atores sociais (Estado, empresas nacionais e internacionais, comunidades tradicionais e locais) e as relações de poder estabelecidas num determinado território.

REGIÃO

O termo região deriva do latim regio, que se refere à unidade política-territorial em que dividia o Império Romano. Sua raiz encontra-se no verbo regere, que significa governar, que atribui a região em sua concepção original,

uma conotação eminentemente política (CORRÊA, 2001; GOMES, 2003). A região como meio para as interações sociais, tratando-se da idéia política da região com base na idéia de dominação e poder constituindo fatores fundamentais na diferenciação de áreas (CORRÊA, 2001).

No contexto do ensino dessa categoria (GRIGG, 1967 apud GOMES, 2003) é importante frisar que regionalizar é uma tarefa de dividir o espaço segundo diferentes critérios que são explicitados, mas que variam conforme as intenções explicativas de seu trabalho.

Todavia, vale destacar, conforme Gomes (2003) as divisões regionais não são definitivas, assim como não pretendem apresentar a totalidade da diversidade espacial, mas sim, devem contribuir para a compreensão de um problema, sendo um meio e não mais um produto. Neste contexto, a região é uma classe de área, fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios que justifiquem a sua importância para determinadas explicações. Por outro, lado não se deve obscurecer seu lado essencial, de fundamento político, de controle e de gestão de um território.

Sugestões para sala de aula:

- a) Trabalhar o conceito de região a partir da definição de área, destacando o espaço vivido;
- b) Análise dos critérios de regionalização com base nas diversas propostas de regionalização, como: divisão regional do IBGE; divisão geoeconômica (complexos regionais); divisão com base no meio técnico-científico-informacional, entre outras. É importante que o professor deixe claro quais foram os critérios utilizados e a finalidade da divisão regional estudada.
- c) Outra opção é o estudo de regiões em diferentes escalas de análise (local, regional, nacional e global) enfatizando o uso da cartografia.

REDES GEOGRÁFICAS

Para Corrêa (1999:107) rede geográfica é “um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações”, que podem ser constituído tanto por uma sede de cooperativa de produtores rurais e as fazendas a elas associadas, como por ligações (i) materiais que conectam a sede de uma empresa, seu centro de pesquisa e desenvolvimento, suas fábricas, depósitos e filiais de venda, assim, como também, podem ser constituídas por pelas agências de um banco e seus fluxos de informação que circulam entre elas.

Ou seja, “conjunto de nós interconectados, sendo nó o ponto no qual uma curva se entrecorta (CASTELLS, 2000). Curien (1988 apud Santos (1996) complementa definindo rede geográfica como toda infra-estrutura, que possibilita o transporte de matéria, de energia, de informação [e de capital] que se inscrevem num território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação.

Para Corrêa (1999) a rede geográfica é um conjunto de localizações sobre a superfície terrestre, articulado por vias e fluxos. O autor utiliza o exemplo da sede de um banco e suas agências distribuídas em amplo espaço e articuladas entre si por diversos fluxos.

No contexto atual as redes adquirem cada vez mais importância, podendo ser compreendida com maior facilidade pelos alunos a partir dos exemplos que fazem parte do seu dia a dia, como : redes de água, redes de informáticas (internet), estrutura urbana e redes de transporte.

A rede urbana é um dos exemplos mais fáceis para que o aluno compreenda a organização em rede, sendo possível a partir da identificação da hierarquia das cidades, conforme a importância econômica, onde seus nós são compostos por cidades globais, metrópoles nacionais e regionais, centros regionais, subcentros regionais e cidades locais. Neste sentido, há uma interligação entre esses nós da rede urbana, onde se estabelecem os fluxos de mercadorias, de capital, de pessoas, e de serviços (LISBOA, 2002).

Igualmente, é importante mostrar ao aluno que na atualidade um subcentro regional pode estabelecer relações econômicas diretamente com uma metrópole global, sobretudo devido aos avanços do meio técnico-científico-informacional, não necessitando estabelecer relações com a velha hierarquia urbana.

Sugestão para a sala de aula: pode estabelecer discussões e atividades a partir:

- a) De exemplos de redes de bancos; de comércio, através dos supermercados e shopping centers;
- b) De análises da estrutura urbana de um país;
- c) Do funcionamento mundial das redes de tráfico de drogas;
- d) Das redes de transporte e comunicações;
- e) Da globalização, com ênfase para as novas hierarquias urbanas;
- f) Da evolução das tecnologias e as novas territorialidades.

Como o mapa é um dos principais recursos didáticos do ensino da Geografia, seu uso também deve acompanhar a realização de atividades como possibilidade de auxiliar a leitura do mundo.

CONCLUSÃO

Procuramos, nesta aula, a partir da proposta de implementação de uma abordagem de conteúdo específico para estudar alguns conceitos geográficos, a fim de que estas categorias possam servir como ferramenta para compreensão do mundo, sobretudo partindo do espaço vivido do aluno de Ensino Fundamental e Médio. Vale destacar que esses conceitos passaram por uma evolução ao longo das correntes do pensamento geográfico, portanto, não estão prontos e acabados.

Esses conceitos não devem ser trabalhados de forma isolada, uma vez que só adquirem um significado real quando associados com a realidade, facilitando assim, a compreensão de outros níveis escalares, local/global.

A partir da inserção do espaço vivido no ensino da Geografia será possível um diálogo entre professores e alunos, no sentido de despertar a criticidade do educando enquanto sujeito ativo desse processo.

RESUMO

Precisamos embasar os acadêmicos teoricamente, mas também, é necessário confrontá-los com a prática docente. Neste sentido, discutimos as categorias de análise geográfica fornecendo algumas sugestões que podem ser trabalhadas em sala de aula, na perspectiva de fazê-lo refletir sobre a prática docente.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As questões foram elaboradas na perspectiva de levar você a pensar sobre a sua prática pedagógica, sobretudo, a refletir sobre os recursos didáticos e os procedimentos metodológicos (como irá ministrar sua aula) que irá utilizar em sala de aula mediante as temáticas abordadas.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula iremos abordar as propostas de conteúdos para o Ensino Fundamental e Médio na disciplina.



AUTOAVALIAÇÃO

Com base na análise, do texto apresentado reflita sobre a maneira que você poderá auxiliar na construção dos conceitos das categorias de análise geográfica para o Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano) a partir da realidade do aluno (suponha que ministrará aula na cidade onde você mora).



REFERÊNCIAS

BERTRAND, G. C. Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das territorialidades. Org. Messias Modesto dos Passos. Maringá/PR: Massoni, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTRO-GIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

- CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? Revista Terra Livre. N° 16. São Paulo, 1° semestre de 2001. p. 133-152.
- CARLOS, A. F. A. (org.). A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001
- CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTELLS, M. A. Sociedade em Rede (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Tradução de Roneide Venâncio Majer com colaboração de Klauss Brandini Gerhardt).
- CAVALCANTI, L. S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELAR, S. (Org). Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 66-78.
- CORRÊA, R. L. Espaço Geográfico: algumas considerações. In: _____. Novos Rumos da Geografia Brasileira. 5ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1982. p. 25-34.
- CORRÊA, R. L. Redes Geográficas: cinco pontos para discussão. In: VASCONCELOS, P. A. S.; SILVA, S. B. M. Novos estudos de geografia urbana brasileira. Salvador: UFBA, 1999.
- CORRÊA, R. L. Trajetórias Geográficas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. et al. (Org.). Geografia: conceitos e temas. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GUIMARÃES, I. V. Ensinar e Aprender Geografia: Contexto e perspectivas de professores e alunos como sujeitos sócio-culturais. In: Revista Olhares & Trilhas. V. 1, n° 1. Escola de Educação Básica. Uberlândia/MG, 2000.
- KAERCHER, N. A. A Geografia é nosso dia-a-dia. CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.) Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2ª Ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 1999.
- LISBOA, S. S. A importância dos conceitos da Geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. Revista Ponto de Vista. Vol. 4, 2002. Disponível em < <http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume04/importanciaConceitosGeografia.pdf>> Acesso em 20/07/2009.
- PIMENTA, S. G. O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2001.
- Rua, J. et al. Para ensinar geografia. Rio de Janeiro: Acces, 1993.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo : Hucitec, 1994. 124p.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473 p.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: Território, Territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – AGB. Niterói, 2002.

SOUZA, M. J. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 77-116.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. Rev. Scripta Nova. Vol. V, Universidad de Barcelona, 2001. pag. 79 - 104 . Disponível em < <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm> > Acesso em 10/09/2010.